

Stadium

N.º 57 ★ 5 de Janeiro de 1944

REV. 3074

M.



BENFICA - A. ACADÉMICA

Um remate de cabeça de Julinho — e uma fase que diz da energia e dinamismo com que se bateram estudantes e benfiquenses!

(Foto Nunes d'Almeida)

TODOS os desportos têm os seus problemas — quanto a provas, organização, técnica e expansão. Em futebol, um dos problemas é o da adaptação do desporto à estrutura dos seus torneios ou a escolha de estrutura dos torneios, de forma a adaptá-los às conveniências ou necessidades de melhoria e progresso do popular desporto em expansão, nível técnico e movimentação. Ventilámos recentemente este problema, a propósito do começo da disputa do campeonato nacional da II Divisão. E voltamos a ventilá-lo agora, com pretexto em comentários dos nossos presados colegas Ribeiro dos Reis e Ricardo Ornellas, quanto à inactividade de grande parte de clubes e jogadores, em todo o país.

Falou-se, há pouco tempo, por parte de outro presado colega, Tavares da Silva, na organização espanhola dos torneios de futebol. É natural que nem tudo quanto se faz no estrangeiro possa adaptar-se a Portugal. Lutamos, sobretudo, com dois problemas fundamentais, pela sua repercussão no futebol — a limitação dos grandes núcleos de população desportiva, praticamente reduzidos a Lisboa e Porto, e as dificuldades de transportes. Mas não há dúvida, afirmamo-lo por nossa parte, de que o figurino espanhol merece pelo menos o estudo da imprensa portuguesa da especialidade. E alguma coisa do que existe em Espanha é identico ao que se fazia entre nós.

Defendemos, há poucas semanas, a organização de uma II Divisão com o mesmo número de clubes da Divisão de Honra. É o que se faz no país vizinho, com a nota particular de se ter ensaiado lá, julgamos que há duas épocas, fórmula identica à que se usa em Portugal. O insucesso foi completo e voltaram por isso à formula tradicional. Par facilitar a movimentação dos outros clubes, separaram as duas Divisões da Liga dos campeonatos regionais. Ao mesmo tempo que os clubes mais importantes disputam os torneios das Ligas, os outros clubes entretêm-se com os regionais e com a III Liga; e paralelamente com as grandes provas para jogadores profissionais, organizam-se campeonatos para equipas compostas de jogadores amadores. As características entre as ligas e a *Copa del Generalísimo*, são melhores do que as que, entre nós, servem para estabelecer diferença entre o campeonato nacional e a Taça de Portugal. Quanto a nós, as características desta última prova estariam mais bem aplicadas ao campeonato nacional.

O confronto entre os dois sistemas peninsulares permitia comentários mais amplos. Ficamos, porém, por aqui. Aproveitamos, no entanto, o ensejo para registar, gostosamente, a notícia de que a Associação de Futebol de Lisboa vai organizar duas provas regionais, para as equipas de reserva e segunda categoria. E vem certamente a propósito lembrar que a A. F. L. organizou, em tempos, com regularidade, torneios complementares dos campeonatos, para disputa de Taças de Honra.

UM novo ano acaba de surgir. Um ano novo é sempre uma perspectiva — para o futuro. Nunca se julga suficientemente bom o tempo que passa. E o tempo que se aproxima é sempre motivo para formular desejos de vida melhor. A alvorada de 1944 é pois pretexto — para votos de felicidades para o novo ano.

Aqui os consignamos — para tudo quanto se liga ao desporto, e para todos os nossos colaboradores, amigos e leitores.

O primeiro Lisboa-Sevilha em projecto está marcado para o próximo mês de Fevereiro. Praticamente, está a pouco mais de um mês de distancia. Vai por isso ser o primeiro grande acontecimento desportivo do novo ano. Oxalá, pois, represente um principio de vida nova — quanto a competições internacionais do popular desporto.

Devido à guerra que deflagrou na Europa, temos lutado com um isolamento que, sendo penoso, por falta das grandes jornadas internacionais do desporto, contriui, também, para a falta do progresso que resulta do embate com atletas e equipas estrangeiras. Temo-nos aproximado mais da Espanha, mas sem a amplitude que seria de desejar. O novo encontro pode servir para reatar uma tradição agradável.

O ciclismo teve, na penúltima semana, dois dias de movimentação. No dia de Natal, realizou-se o «Rallye Natal de 1943», organizado pelo Clube Futebol Benfica; e no dia imediato, teve lugar o passeio preparado pelo Sport Lisboa e Benfica.

Como estiveram dois dias lindíssimos, de pleno sol, as referidas provas constituíram excelentes jornadas de propaganda — para o excursionismo velocipedico. O ciclismo movimentou-se em dois dias. A bicicleta continua em actividade. Só os corredores é que estão em descanso...

NÃO sabemos se irá desta vez, mas registamos com agrado ver incluída, no plano de actividades da Câmara Municipal do Porto, para 1944, a construção de uma piscina no Palácio de Cristal.

A construção da piscina no Porto deixou de ser uma aspiração frequentemente renovada, para ser um projecto integrado no plano de realizações da Câmara Municipal. Não é ainda tudo. Mas é alguma coisa — como promessa formal. O sitio é esplêndido, quanto à sua localização, próximo do centro da cidade. E há água em abundância.

EM Barrocelas, no Minho, registou-se nova cena de pancadaria, num campo de futebol, se é que há campo em Vila de Punhe. O Esposende Sport Clube foi ali jogar, em futebol — contra o grupo local. E porque o Esposende ganhase, no fim do tempo regulamentar, por 4-0, foram agredidos, havendo feridos entre os jogadores.

Chega a ser impossível que se registem ainda cenas desta ordem. Contra estes discólos, é pouco todo o rigor com que sejam castigados.

ANO XI — Lisboa, 5 de Janeiro de 1944 — II SÉRIE-N.º 57

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

FOI empossado, há dias, o novo conselho técnico da Federação Portuguesa de Futebol, sendo a posse conferida pelo presidente da comissão administrativa, dr. Fernando Pires de Lima. A Federação de Futebol tem agora em pleno funcionamento todos os seus órgãos de execução e consulta.

Do antigo conselho técnico, transitaram os srs. João de Brito e Augusto Pedrosa. Houve apenas substituição na presidência: António Kibeiro dos Reis, nosso prezado colega de jornalismo e distinto técnico do popular desporto, é substituído pelo sr. Joaquim Ferreira Bugalho, antigo árbitro de futebol. Joaquim Ferreira Bugalho, de notáveis qualidades de trabalho, tem brilhado em todos os lugares de direcção por onde tem passado — no Sport Lisboa e Benfica, na Associação de Futebol de Lisboa e na própria Federação. A presidência do conselho técnico fica, pois, bem entregue.

POR não terem sido ainda estabelecidos os limites de idade dos jogadores juniores, foi novamente adiado, pela Associação de Futebol de Lisboa, o respectivo campeonato distrital. O torneio de juniores tem andado sempre em maré de pouca sorte, não obstante ser dos mais oportunos e úteis à expansão do futebol. Oxalá, pois, que tudo se regularize dentro de pouco tempo.

INÁCIO ARA, que bateu recentemente Agostinho Guedes, continua em franca actividade, como que indifferente ao dobrar dos anos. É um exemplo curioso de longevidade desportiva — em boas condições de forma. Os anos passam. E o valor mantem-se, por enquanto.

Em combate com Gascón, ganhou, novamente, o titulo de campeão espanhol na categoria dos médios.

HA, no estrangeiro, em certos pontos, o costume de disputar provas de natação no auge do inverno — no dia do Natal. São em geral provas curtas, ao ar livre, que servem de pretexto para mostrar que a natação pode praticar-se na quadra hibernal. E muito discutivel, esta tese. Mas nem por isso deixam de haver provas pelo Natal.

Entre nós, houve, há anos, quem pensasse nisso. Mas abusou-se da iniciativa, com provas longas, em tentativas de caracter individual. Eduardo Vieira Alves, do Algeis, fez a travessia do Tejo da Trafaria para Pedrouços, num ano. E Luis Naia, antigo nadador do Benfica, fez, noutro ano, o percurso da pequena Travessia de Lisboa.

A proeza de Luis Naia foi recordada, no «Sport Lisboa e Benfica» de há duas semanas. A prova fez-se num dia de grande temporal, prolongando-se até em condições de poder constituir perigo. Luis Naia deu, nesse dia, prova de extraordinário valor, pela forma como se agüentou no final do trajecto, com mar de grande ondulação.

DISPUTARAM-SE, há pouco, na piscina do Canôe, em Madrid, os campeonatos universitários de Espanha, em provas masculinas e femininas. A existência de piscinas de inverno como a do Canôe permite realizar os campeonatos escolares em época mais propicia ao treino dos estudantes, do que entre nós, geralmente próximo do fim do ano lectivo, quando o trabalho escolar é mais intenso.

Entre os resultados técnicos há alguns que mostram o progresso dos nadadores de toda a Espanha. Os resultados nas provas femininas excedem tudo quanto nós podíamos mostrar, para confronto.

O anunciado combate de «boxing» entre Licínio Passos e Domingos Figueiredo, para disputa do titulo de campeão nacional na respectiva categoria, ficou sem efeito, por agora, visto que Domingos Figueiredo teve de seguir para os Açores.

Trata-se, pois, de um motivo tão justificado que há a enas que lamenta-lo, no que respeita ao pugilismo. Perde-se um bom combate — em perspectiva.

A CONQUISTA DO CANAL DA MANCHA

Resumo das travessias e tentativas efectuadas — II

DEPOIS do homem haver dominado o canal da Mancha coube à mulher a sua vez. E, como sucede correntemente nos actos mais vulgares da vida, também a vitória masculina sucedeu a do sexo frágil...

A célebre esteira de água que se pira o continente europeu das Ilhas Britânicas perdera aquela arrogância e mistério primitivos. Duran e curto intervalo, em 1923, três homens, pouco menos que desconhecidos, haviam zom-



Mercedes Gleitz

brar a primeira tentativa, das correntes e das marés, passando a nado de um para outro lado do canal. Falta, apenas, para completa «humilhação» do elemento líquido, que uma mulher conseguisse atravessá-lo. O caso não seria inteiramente novo, posto que, a 5 de Setembro de 1900, Madame Isacescu, uma romena, partindo de Calais, abandonava a luta dez horas depois, mas após percorrer 32 quilómetros. Esta proeza pouco comum, foi, mais tarde, reeditada, em 1905, a 24 de Agosto, por Miss Anita Kellermann, famosa ondina americana e modelo de singular beleza plástica. Miss Kellermann atirou-se à água em Dover e seis horas depois era recolhida a bordo do navio apoio, muito fatigada. Nova empresa no ano imediato não seria mais produtiva — e durante o longo intervalo de tempo de 20 anos só aos homens pertencem as tentativas e os êxitos nas travessias da Mancha.

Mas no dia 7 de Agosto de 1926 uma mulher tentaria e conseguiria um tempo «records», demonstrando durante a execução do seu acto absoluta superioridade técnica sobre os seus predecessores. Miss Gertrudes Edérlé, de Nova York, era filha de um carneiro alemão já naturalizado americano. Vencedora em diversos campeonatos de velocidade e meio fundo, preparou-se para realizar a travessia e conseguiu cruzar o estreito em 14 horas e 31 minutos, percorrendo 28 milhas desde o cabo Griz Nez até Dover.

O estilo da notável nadadora, meio *trudgeon* meio *crawl*, facilitou grandemente a rapidez e segurança do feito, reduzindo a influência contrária das marés.

O regresso a Nova York de Miss Edérlé foi apoteótico. Ao desembarque não faltaram bandas musicais, larga comissão de notáveis e edis, discursos, medalhas — e tudo quanto em matéria de consagração possa imaginar-se... Em seguida, um cortejo descomunal acompanhou-a até à Municipalidade, onde o governador, James Walker, a proclamou qualquer coisa como cidadã honorária da grande urbe, distinção paradoxal tratando-se de uma novata-quina de nascimento...

Tirando a recepção ao avião Lindbergh, nada se fez na grande metrópole que se lhe comparasse! Passados poucos dias, as ofertas monetárias permitiram-lhe fazer capitalizar, além da glória, uma copia-a chuva de *dollars*.

Uns, pediam-lhe o nome para a tableta de um clube náutico em formação; outros, solicitaram-lhe para conferências, artigos, livros de

memórias, etc. — e até Hollywood a convidou para impressionar o celuloide! Poderia... O enigmático canal zombara durante os últimos três anos de todos os fortes e arrojados golfinhos e logo uma mulher de 20 anos, uma criança, o conquista à primeira vez!

Uma semana depois, novo estâmpido. O canal é ainda subjugado — e por uma austera e sólida dinamarquesa, mãe de duas crianças loiras, de 4 e de 2 anos apenas. A senhora Millie Gade Corson, muito embora casada com um respeitável cidadão *yanket* é, ainda, súbdita do rei Haakon, o que lhe dá foros de dupla nacionalidade.

De 27 para 28 de Agosto parte do Cabo Griz Nez e chega a Dover após 15 horas e 32 minutos de permanência na água. A vitória da senhora Clemington Corson poderia ser classificada como a vitória da maternidade... Ao pisar, vencedora, a costa inglesa, não declarou que durante as horas tormentosas da noite, em luta contra as correntes e a distância, tinham sido a sua inspiração e sustentáculo as imagens dos seus adoráveis filhos?

Em suma — a mulher venceu por completo e o seu triunfo era magnífico. A supremacia masculina, posta em cheque, não tardou, porém, em obter a desforra. Dois dias depois de Madame Corson, a 30 de Agosto, o padreiro alemão de Colônia, Ernest Vierkoetter, metta-se tranqüilamente na água, em Calais, e chegava a Dover 12 horas e 43 minutos mais tarde. O prestígio do homem ficava restabelecido, pois o «record» da travessia baixava de perto de 2 horas... Um andamento tão acelerado parecia inverosímil e julgou-se, logicamente, que só em circunstâncias especialmente favoráveis tão famoso «tempo» pudesse ser reduzido.

Mas o feito do nável padreiro estimulou os oficiais do mesmo ofício. O facto é que Georges Michel, já dez vezes vencido na travessia do canal, atirou-se à água no dia 9 de Setembro — pouco mais de uma semana após Vierkoetter — pelas 8 horas e 26 minutos da noite, no Cabo Griz Nez, e à 7 horas e 32 minutos da manhã do dia imediato punha pé em terra em Dover.

Em 11 horas e 5 minutos passava de um lado para o outro do canal, reduzindo a nada os maximos anteriores!

Vierkoetter não se deu por convencido e procurou melhorar o tempo do francês Michel. Entretanto, a opinião pública movia-se e começavam a surgir dúvidas sobre a autenticidade e regularidade do feito daquele nadador. Realmente, o que mais impressiona em tão brilhante resultado é a insuficiência de credenciais do seu autor. Que Michel não tem, depois, nem tinha antes, arcação para proezas equivalentes... A dúvida subsiste e perdurará sobre o



Gertrudes Edérlé

«tempo» da proeza do padreiro francês — mas será audacioso negar categoricamente a sua realidade.

Depois de Michel, a lista dos conquistadores do canal aumenta sempre. Seria fastidioso demorarmo-nos muito nos vários pormenores das suas fases. É o londrino Norman

Leslie Durham que, do Cabo Griz Nez, vai ter à praia de Santa Margarida, em 13 horas e 57 minutos, no dia 16 de Setembro de 1926; é o checo-slovaco Venceslau Spacke, de Praga, que a 9 de Junho do ano seguinte atravessa o estreito em 10 horas e 45 minutos, pondo de acó-do os dois amassadores de pão, rivais no ofício e na água; é, ainda, E. H. Temme, que segue na rota dos colegas e passa o estreito em 14 horas e 29 minutos, no dia 5 de Agosto; e por último — em lugar mas não em mérito — a nadadora inglesa Miss Mercedes Gleitz, em 15 horas e 15 minutos, no dia 7 de Outubro de



Georges Michel

1927, reata as performances femininas ainda que haja também dúvidas sobre a autenticidade da sua. Com efeito, atrás dela vêm Mrs. Ivy Gill, de 24 primaveras inglesa, que a 14-15 de Outubro vai de França a Inglaterra em 15 horas e 9 minutos; Miss Ivy H. Wke, de Londres, que a 18 de Agosto do ano imediato (1928), faz percurso idêntico em 19 horas e 18 minutos; Miss Hilda Sharp, de 18 frag-primaveras, que também atravessa a

Mancha, a 24 de Agosto do mesmo ano, em 14 horas e 58 minutos; e por fim o hercúleo egípcio Ishak Helmy, tantas vezes vencido e ridicularizado, que no dia 1 de Setembro de 1928, em 23 horas e 40 minutos, consegue finalmente transpôr aquela imensa barreira líquida.

Durante dois anos, o canal da Mancha deixou de interessar os nadadores. Mas, em 1930, o sul-africano Peggy Duncan, em 16 horas e 15 minutos, segue-se à já copiosa lista.

Volta a estabelecer-se um interregno de 3 anos. Agora, só a espaços aparece um; é Sunny Lowry, inglês, em 15 horas e 45 minutos (1933); é de novo, E. H. Temme, em 15 horas e 54 minutos (1934) e conseguindo o feito, pouco banal, de ter passado a Mancha nos dois sentidos; é Miss Emma Faber, austríaca, em 14 horas e 40 minutos (1934) — mas o seu feito não convenceu e ficou ouvido; é o inglês Thomas Blower, em 13 horas e 29 minutos (1937); e por último a sueca Sally Bauer, em 14 horas e 50 minutos (1939).

Depois... Depois veio a guerra — e com ela outras travessias mais dolorosas, cujo cadastro não se fez nem fará. As 19 milhas que separam o Cabo Griz Nez da praia de Dover são hoje zona proibida a diversões de banhistas e nadadores!

DE COIMBRA

A Académica

NÃO se pode falar do desporto coimbricense sem se evocar a Associação Académica. E não é apenas pela simpatia que a cidade e o público desportivo de Coimbra dispense, justamente, ao seu clube representativo. É, também, pelo que o desporto local deve aos estudantes, desde que o desporto começou a ser praticado aqui. Foi a academia que o lançou, com a vivacidade e o entusiasmo que lhe são próprios. E aos estudantes da velha Universidade se devem os momentos de maior triunfo para Coimbra. Não esqueceu ainda o entusiasmo causado, na cidade, pela vitória da Académica, há anos, na final da Taça Portugal.

A Académica, que tem seu fulcro de maior actividade no futebol, atravessa um período que não é bem de crise, mas de infelicidade. Depois de um campeonato distrital ganho brilhantemente, com uma equipa que produziu bom futebol entr-a com evidente pouca sorte no campeonato nacional da 1.ª divisão. Foi tudo bem, até disputar o último jogo do torneio dis-

(Conclui na pág. 14)



GREGÓRIO

exemplo de correção desportiva

TÓDA a região do sul do Tejo — principalmente Barreiro e Setúbal — tem dado ao desporto autênticos valores; há clubes, como o Barreirense e o Vitória, que são dos melhores neste aspecto. Almada enfileira também entre as terras que podem considerar-se na verdade «viveiros» de jogadores de futebol: Jurado, o antigo sportinista que mereceu os «galões» de internacional, é um exemplo... Noutras localidades da mesma região, o caso repete-se: apontem-se os Pírezas, Soeiro, Azevedo, Salvador, esse portento de jogador que se chama Armando Martins, ainda hoje recordado com saudade, João dos Santos, Cambalacho, Eduardo Augusto, Viegas, Camolas Junior, Moreira, Leonel, Maximino, Anibal José... Tantos, enfim, que a memória os perde! Uns, que pertencem ao passado, notabilizaram-se na sua época; outros encontram-se ainda em actividade. De entre eles, cite-se Gregório, a figura aqui focada — nado em Cacilhas há vinte e seis anos...

Quem é Gregório? Um rapaz simples, correcto e que sabe conquistar simpatias. Joga apenas futebol, o seu desporto favorito, mas criou «nome» na modalidade, mercê das suas qualidades de desportista. Começou cedo — e num clube modestíssimo da sua terra: aos 15 anos, em «Os Espanhóis», colectividade criada para divertimento de uns quantos moços cacilhenes; depois, seduziram-no o Pedreirense, de Almada, e o Ginásio do Sul, que disputa actualmente o campeonato nacional da 2.ª divisão. Era, por essa altura, e apesar da pouca idade, um ídolo da terra — que a golpes de vontade ponde tornar-se, mais tarde, bom jogador de futebol, dos melhores, figurando sem desdouro ao lado de «ases» que o público e a crítica consagram, Gregório Gonçalves Santos, que principiara muito novo e sem aspirações, foi uma tarde tentado pela miragem de um grande clube de Lisboa — e a rápida transformação que se operou no seu espírito deveu-se a dois rapazes, ao tempo fazendo parte do grupo infantil do União. Convidaram-no a vir até à capital — e Gregório acedeu de bom agrado. Tinha já dezoito anos! E pensava, então, que os outros, homens como ele, não deviam ser melhores nem piores... Veio — e treinou em Santo Amaro, com satisfação geral de quantos assistiram à sua «iniciação».

A estreia de Gregório no União Lisboa deu-se na segunda categoria. Foi um êxito! Manuel da Silva, um «unionista» de sempre, vaticinou-lhe logo bom futuro. Os votos cumpriram-se, porque Gregório, nessa mesma época, tomava parte, em Santarém, num desafio do «team» principal do seu clube, defrontando a equipa de «Os Leões», aq tempo vencedora do campeonato escalabitano. Sucedeu isso no ano de 1935. Gregório jogava a médio centro — mas como nesse posto existisse um Jaime Rodrigues, foi «sacrificado» e passou a exibir-se a «half» lateral, à esquerda. Anos de orreram, e Jaime, convidado a ingressar no Sporting, abandonou o clube de Santo Amaro. Foi a altura de Gregório... Fixou-se a «center-half», lugar que sempre tem desempenhado. Em 1938-39 chegou a vez de Gregório seguir as pisadas de Jaime e ir também aspirar os ares do Campo Grande! Por lá esteve, em estágio e quasi sem ser «aproveitado», até que, há dois anos, regressou ao seu antigo clube — que era, afinal, uma sucessão do Carcavelinhos e do União, hoje o Atlético. E, na actualidade, deve ser o melhor «center-half» português.

Gregório foi convocado três vezes para treinos de selecção: duas contra o Porto e uma contra Sevilha. Nunca, porém, foi aproveitado... Contra Sevilha, na altura em que era seleccionador José Simões, esteve à beirinha da «internacionalização», mas, à última hora, foi preterido em proveito de Varela Marques. E assim se foi uma estreia... Mas pode muito bem calhar agora!

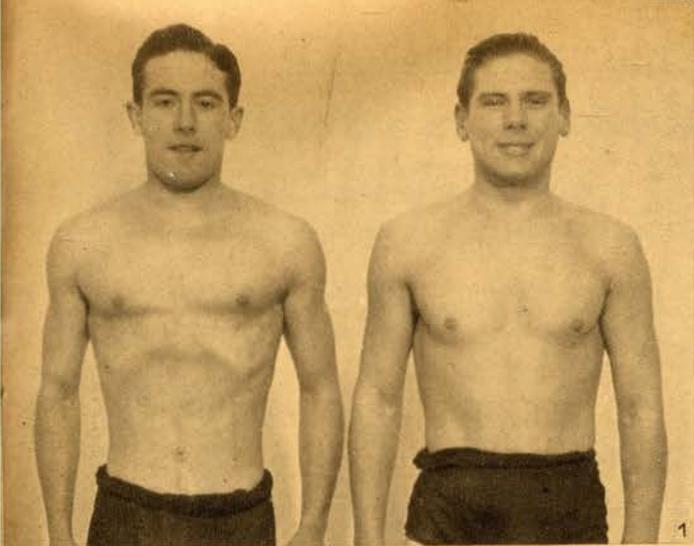
Oiçamos, entretanto, o popular futebolista:

— Nunca na minha vida de jogador tive o prazer de ser entrevistado! É esta a primeira vez e sinto-me satisfeito pela lembrança da «Stadium». Se estou bem no Atlético? Devo confessar que o ambiente — de verdadeira camaradagem, em parte devido à maneira de ser de todos os jogadores do «team», e muito mercê dos incentivos e auxilio da família Furtado Leite, pai e filhos, bons desportistas e bons amigos — não pode ser melhor. Sinto-me bem, perfeitamente bem. E nem penso sequer em voltar a mudar de camisola... Sucedeu isso uma vez! Mas não devo repetir o passo... Porque me dei mal no Sporting? Não! Mas o ambiente, esse, era diferente... Contudo, fui sempre bem tratado, e nada tenho a dizer de mal na minha «passagem» pelo clube do Campo Grande, hoje do Lumiar. Dos jogadores que mais gosto de ver em acção? Azevedo, Manuel Marques, Albino, Carlos Pereira, Amaro e Francisco Ferreira. São verdadeiros «ases» da bola. Árbitros? Acho todos bons; de resto nunca tive o mais pequeno dissabor com qualquer «homem do apito!» Nem sequer uma advertência em campo... Por isso tenho voz activa para dizer bem! Mas se quer alguns nomes, vá lá dois: Carlos Canuto e Henrique Leal, um da velha camada, antigo jogador alantarense, e outro que enfileira ao lado dos novos... Em suma: estou bem, muitíssimo bem, mesmo, no Atlético, e nem me passa pela ideia sair de lá. Como o «team» tem tido bom comportamento — e quando a vitória sorri tudo vai pelo melhor... — é natural que me sinta satisfeito, plenamente satisfeito. Também, a minha hora devia chegar um dia...

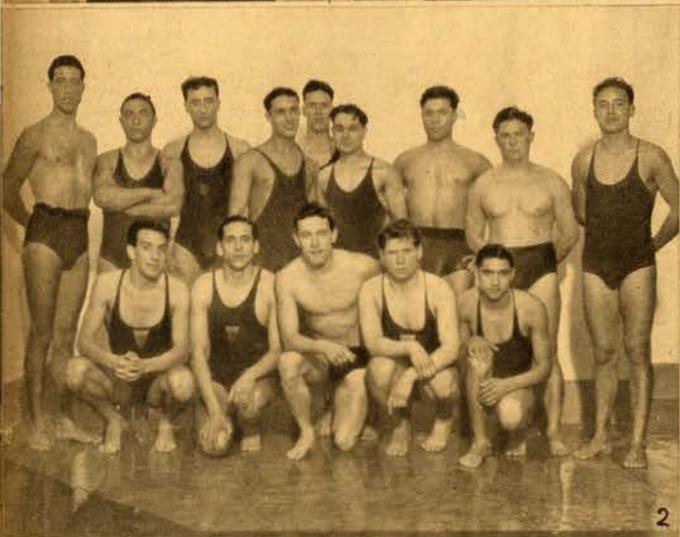
Assim falou Gregório!

Jorge Monteiro

Natação no ESTORIL
 Última jornada do interessante
TORNEIO de INVERNO
 ORGANIZADO PELO ESTORIL-PRAIA



1



2



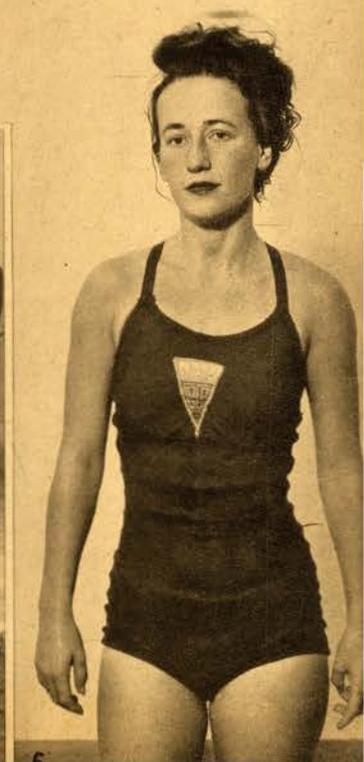
3

1 — Mário Simas e Mira Gomes, respectivamente 1.º e 2.º classificados nos 100 metros costas; 2 — Os concorrentes à estafeta 4x100 metros livres, ganha pela equipa do Estoril Praia; 3 — Ana Linheiro, Maria Helena Lopes Mendes, Hety Heyman e Maria Isabel — as quatro gentis concorrentes aos 400 metros livres senhoras; 4 — Grupo geral dos nadadores que tomaram parte na última jornada do «Torneio»; 5 — Hety Heyman, a senhora que mais se salientou em todo o torneio.

(fotos C. Madeira)



4



5

ESTAMOS em maré cheia de entusiasmo pelo futebol. Tempos houve em que as *casas cheias* só se registavam em três ou quatro partidas — quando se defrontavam os clubes grandes. Agora o panorama transformou-se um pouco. Cada vez mais se afirma a corrente de que um *team*, desde que jogue bem, às vezes chegando um arzinho de graça, atrai a multidão. O exemplo do Lumiar parece-nos expressivo. Por outro lado, desafios que, em épocas anteriores, quasi passavam despercebidos transformam-se hoje, com a maior das facilidades, em *enchantes*. O jogo do Campo Grande, por exemplo. Sabemos que, tanto num caso como noutro, a circunstância de se disputar apenas um desafio em cada dia influiu no caso. Mas é evidente que o público cada vez visita mais os campos da bola.

A tendência para o nivelamento das forças concorrentes — tecla que temos batido desde o começo do campeonato — auxilia este movimento de entusiasmo pelo futebol. O que dá emoção à competição é precisamente a circunstância de todas as lutas resultarem problemas difíceis. Isto não significa que não hajam favoritos, isto é, clubes que descem aos terrenos convencidos de que o triunfo não lhes poderá escapar. Mas a *dúvida*, tal como se apresenta o quadro do futebol português, é sempre de admirar. Daí o interesse. Percorrendo a escala de valores na *classificação geral* facilmente se verifica ser assim mesmo. A Académica, na couda, e com seis derrotas em seis desafios, pode perfeitamente ganhar, numa tarde em que as coisas lhe corram à medida dos seus desejos, ao «onze» de maior categoria.

A sexta jornada...

A sexta jornada não desmentiu as anteriores — quanto a indicações de jogo propriamente dito. Nem forneceu matéria para grandes rectificações. Mantém-se tudo quasi na mesma. Pelo contrário, confirmou juízos já formulados, reforçando opiniões e vários pormenores. Falemos um pouco, portanto, do que há, na verdade, a falar, e a citar, em matéria de jogo e sua evolução, relativamente ao campeonato nacional.

O Atlético mantém-se com galhardia no seu posto de honra, sustentado com verdadeira nobreza de luta. Na sua primeira *saída*, bem difícil, o grupo demonstrou estôfo suficiente para se destacar do lote dos concorrentes. Não está em causa o problema de tratar-se, ou não, do *melhor* de todos. Mas não há dúvida de que o *team* tem bases. A sua construção está solidamente feita — parece desafiar a tempestade.

O Olhanense também confirma a *boa forma* em que se encontra. A fórmula *ninguém pasará em Olhão*, atacada com êxito pelo Sporting, mantém-se de pé, embora o Pôrto, marcando condicionalmente a sua recuperação, tenha desencadeado ataque pujante de força. Sporting e Benfica, possivelmente os *teams* de mais fundo, integrando nesta expressão a sua experiência, a força do passado e a importância dos clubes, afirmam-se como pretendentes sérios ao título. O Belenenses está num momento de expectativa: tanto pode subir como descer. Eis a lição dos factos.

Duas linhas médias que explicam quasi tudo...

Ainda não se conhece melhor tónico para os *teams* do que a vitória, na devida altura. Ora, o Atlético, mercê de vários factores que não interessa enumerar, tem conhecido normalmente o triunfo no presente torneio. Assim, o tónico transformou um grupo simplesmente regular num *bom grupo*, sem restrições de qualquer espécie. Claro que isto somente acontece quando um *team* tem qualidades. Não nos venham, pois, nunca mais, com a *ária* da sorte ou do *caçô*, porque a chamada *sorte* é o factor mais volúvel que se conhece. De resto, se fôssemos a revêr toda a intervenção do Atlético, também lá encontraríamos matéria de asar (vidê jogo contra Belenenses).

O Atlético está a agir esplendidamente. Com acertado jogo de posição, vincado na demarcação dos seus elementos, tão bem feita

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

O Atlético demonstra praticamente o seu valor e o Olhanense a sua excelente forma

A 6.ª jornada vista em conjunto, e cada desafio isoladamente — Reflexões sobre o jogo, o trabalho dos jogadores e a função da arbitragem

que chega a dar-nos a impressão de que os onze homens são mais do que onze. Cobrindo todos os seus actos e movimentos com vontade impressionante, derivando deste factor outra característica, e não menos valiosa, a que chamaremos *velocidade*.

A grande base do grupo reside na linha medular, aquela que idealiza, projecta e executa. Mais afinada do que esta — não se encontra outra. No presente momento, aí por Lisboa ou pelo país fora. Há médios de mais *classe*. Mas no conjunto, como unidade, apreciando a ligação de jogo dos três homens e a sua solidariedade em pleno combate, os três rapazes do Atlético destacam-se, a eles devendo o seu clube, em maior talhada, a posição de que disfruta. Os irmãos Lopes, contra o Sporting, deram-se a jogadas da maior limpidez futebolística, com cruzamentos ao extremo contrário, vigilância apertada e no melhor terreno, completando o médio-centro (Gregório) com um processo diferente de jogo, o bom trabalho da linha média.

Como consequência, a própria defesa do Atlético tem subido, sendo mais nítido o progresso de Ventura, pois Baptista já tinha o seu valor firmado. Jorge Vieira, que tem olho de lince, dizia-nos de Ventura: *Estou espantado...* É realmente para estar. E a linha avançada, acusando um pouco a falta de Pratas, constrói, em passes lineares, direitos, sem curvas, belas jogadas. Nem sempre o consegue, é certo. Alguns vezes, os avançados perdem-se no golpe de acaso. Mas depressa a serenidade volta aos espíritos. E a *avançada* cumpre, desferindo, mesmo com mais frequência do que outros grupos, remates de força e direcção. Tudo facilmente!

Em contraste, o que faltou no Sporting foi linha medular, isto é, a base de todo o jogo, tanto de ataque como de defesa. Não negando boa vontade aos seus componentes, pode dizer-se que a sua incompreensão do jogo foi perfeita. Uma ignorância completa — mesmo das coisas básicas. Ora sendo o Sporting um *team* que, talvez mais do que nenhum outro, joga à base do *jogo de posição*, jogo estudado e previamente fixado, compreendê-lo como, desmoronando-se a linha média, se devia desmoronar todo o *team* (a lesão de Daniel não deve ser considerado elemento justificativo). E isso somente não aconteceu — porque as outras células têm valor suficiente para viver do seu próprio esforço e das suas reais qualidades.

A influência da linha média sportinguista, mais ligada à defesa do que ao ataque, por virtude da *meccânica* do grupo, fez-se sentir, e o mais perniciosamente que é possível, no trio defensivo, jogando em muitas ocasiões com impressionantes facilidades.

O ataque foi a célula que cumpriu — cotando-se a boa altura. Dirigida por um avançado-centro que faz hoje menos *goals* mas que joga bem mais do que ontem. Ele dá mostras de grande eficiência. Devemos esclarecer que a palavra *dirigida*, relativa a Peyroteo, está empregada propositalmente: antigamente ele era dirigido, agora chegou a sua vez de dirigir, acorrendo aqui, orientando ali, tomando verdadeiramente o comando do rumo das coisas. Desde que João Cruz, que parece sob efeitos de uma injeção de vontade, continui a jogar a interior com o mesmo empenho, a linha avançada do Sporting ha-de ser sempre um caso sério em frente de qualquer guarda-redes.

O Atlético portou-se muito bem na primeira parte, dando à sua actuação a clareza do bom jogo. Neste particular, distinguiram-se do Sporting que, mesmo quando dominou, na segunda parte, o conseguiu por efeitos de reacção e energia, e visível desejo de ganhar — e não devido à aplicação do sistema. Pode dizer-se, e não se falta à verdade, que o Sporting dispõe de mais oportunidades de vencer (Peyroteo teve a vitória nos pés, numa das suas caracte-

ísticas jogadas de esgueiramento em velocidade), mas isso não quer dizer nada para o jeito de um jogo em que se torna preciso marcar bolas.

A Académica portou-se bem, no Campo Grande. Arbitragem influiu na marcha do jogo.

A Académica tem sido talvez o *team*, nas seis jornadas, mais infeliz. Já não nos queremos referir ao jogo do passado domingo. Mas afigura-se-nos indestrutível que a posição do *último* para Coimbra não corresponde aos valores em presença no campeonato nacional. É certo que o grupo diminuiu sensivelmente de valor em relação ao seu «pogeu da traça de Portugal». Todavia, conserva ainda o traço do jogo de qualidade, mostrando valentia na defesa e realizando no ataque jogadas de bela inteligência e do melhor efeito. Trata-se de um *team* que *sabe* bem jogar. Pelo menos a quem não tenha animosidade aos estudantes.

O Benfica entrou no campo confiadamente; depois, no desenvolvimento do desafio, em quasi toda a primeira parte, mais nitidamente após o segundo *goal*, e não interessa fixar a forma como foram conquistadas as suas bolas, fez a demonstração clara da sua manifesta superioridade. No 2.º tempo o Benfica entrou para o campo com a ideia de que o *jogo estava terminado*, esquecendo-se de que, em futebol, a coisa mais fácil, algumas vezes, é o jogo mudar de fase, devido a insignificantemente pormenor, a um nada. A Académica é que não esteve pelos ajustes, ensaiando cautelosamente os seus ataques, para depois o fazer com todo o vigor. Ao conseguir marcar a primeira bola, a ideia do empate pairou no campo, emprestando à partida a emoção que vinha a faltar-lhe, dada a frieza dentro, e mesmo fora, do rectângulo.

Houve um período em que a Académica cresceu de tal modo que lhe coube a iniciativa do ataque. Deu-se afinal o fenómeno tão vulgar no jogo. O Benfica, na altura em que se convenceu de que não podia dar largas ao adversário — importando pôr em campo tudo quanto sabia — era tarde. Mas assim, é justo dizer-se, os lisboetas causaram muitas situações de perigo, e as reds de Coimbra não foram furadas mais vezes nem se sabe porquê. A bola que bate no pé de um jogador, a trave, enfim, os imponderáveis do futebol.

Gostámos mais da Académica do que Benfica. Esta afirmação não destrói, nem pretende destruir, a superioridade dos lisboetas. Precisa, por consequência de explicação. É que o Benfica praticou um jogo perfeitamente ao alcance da sua bitola. Mal anhariam a coisa se o grupo não fôsse capaz de fazer mais e melhor. A sua linha dianteira deu-nos, mesmo, a ideia de abaixamento de valor que os próximos encontros confirmarão. Ou não. Pelo contrário, a Académica, relativamente ao que fez na Tapadinha, subiu muitos furos. Mostrou coesão nas suas linhas, sendo visível a habilidade de alguns elementos novos (citam-se Oliveira e António Maria) e o mérito de um interior que se chama Conceição.

Para a *frieza* do jogo, como atrás classificamos a partida, influiu a arbitragem, que foi deficiente.

Velocidade e entusiasmo — ainda são grandes qualidades

O Olhanense conseguiu dar no domingo passado expressão à *boa forma* em que se encontra. Além de tudo, o que se nos afigura surpreendente neste grupo algarvio é o entusiasmo com que todas as unidades actuam, desde o melhor ao mais fraco, um contraste com o que costuma acontecer, por vezes, nou-

tros grupos porventura de maior categoria ou renome.

Já se sabe o que acontece em Olhão, isto é, o que interessa ter em conta relativamente aos que para ali se deslocam. Logo que são o primeiro apito do árbitro, os algarvios começam a correr, lançando-se na luta com extraordinário vigor, só parando quando o jogo finalmente acaba. Simples ente, há equipas que assim procedem, mas jogam tão pouco que esse colossal esforço resulta inútil, dando até sensação acentuada de inferioridade — e tudo se perde. Com o Olhanense não sucede isso, porque o *team* produz interessantes esquemas de jogo reveladores de um sistema ainda não completamente apurado; mas já latente na equipa. Todo o desenho construído à base de uma coisa que se chama *velocidade*, com seus pressupostos: marcação e de-marcação. Estas duas qualidades, entusiasmo e velocidade, chegaram para perturbar a vida do Pôrto que, já por propósito, mas também como *pejido* pela força das circunstâncias, se deu a *jogo mais de defesa que de ataque*, distribuindo molieralmente as suas unidades, com *farra* fundamentalmente de polícia aos avançados contrários.

De modo geral, a tendência de ataque por parte dos algarvios, e de defesa pela banda dos portuenses, manifestou-se sempre em campo. O que não significa que, em certos períodos, o Olhanense não se tenha visto obrigado a defender, pela necessidade de conter em respeito, ou livrar-se do ataque de uma linha avançada que sabe jogar a bola, e que está a *fazer* jogadores. A equipa portuense revela, mesmo, rara habilidade para o aproveitamento das oportunidades. Ela pode estar a ser dominada mas o adversário não poderá dormir, tão certo é que o Pôrto lhe aparecerá repentinamente, e quando menos o espera, em frente das suas reds, depois de ter realizado duas ou três passagens rectilíneas.

A defesa de Olhão portou-se bem. Na linha média destacou-se o médio-centro Graz na — pela coragem e por estar em toda a parte. Na frente, Moreira voltou a ter o lugar de honra. Os avançados centros (o reparo vai directo a Cabrita) devem saber que, no jogo moderno, são verdadeiras vítimas da marcação, e portanto devem adquirir a maleabilidade necessária para todas as situações.

No *team* do Pôrto, Barrigana foi a grande figura. Um jogador que era desaproveitado no Sporting, está a ser aproveitado com êxito no Pôrto. Maiato e Lourenço distinguiram-se — este último com progressos nítidos.

Domínio natural do Belenenses. A estreia do guarda-redes Capela.

O Belenenses, marcando a sua atitude, e cumprindo a ordem de suspensão a Salvador, apresentou-se com um novo guarda-redes: Capela, o homem da *reserva*. Diga-se desde já que o novo porteiro cumpriu inteiramente. Sendo certo que não teve pela frente avançados de grande remate, não há dúvida de que, quando chamado à intervenção, o fez com segurança e decisão. Entre algumas defesas de categoria conta-se uma, a remate do extremo-esquerdo, que atesta a sua *classe*.

Há que dizer que o Belenenses não fez a exibição que a gente do norte esperava. É certo que os lisboetas dominaram em todo o primeiro tempo. Todavia, de certa altura em diante, como que garantidos com o resultado, os belenenses jogaram como se joga quando em treino, perdendo a luta interesse, pois não há interesse apenas quando os valores são equilibrados, muitas vezes também o há em ver-se a exibição de um grupo.

Aponta-se o facto. O Belenenses chegou para as encomendas, mesmo reduzido a dez unidades, pela expulsão de Mário Coelho,

Comentários por TAVARES DA SILVA

ocorrida quasi no fim da 1.ª parte (a *lei das expulsões* está a vigiar em cheio em relação aos *ponas* do Belenenses: Franklin, Rafael e Coelho) por causa imperceptível para a assistência. A formação de ataque Franklin, Eloy, Quaresma e José Pedro enleou a defesa do adversário — impotente.

Porque, na tarde do passado domingo, todo o Salgueiros se afundou, até a defesa, que costuma comportar-se menos mal. Só se salvou o médio-centro Coura, rapaz com merecimento, activo e com boa posição em campo, e um pouco Augusto, o interior direito. O ataque do Salgueiros quasi não existiu, devendo anotar-se simplesmente a sua reacção no começo do jogo, após o intervalo. O que não quer dizer que o *team* não tenha pôsto na luta, em todos os momentos, uma *bel-energia*.

Os nomes mais em evidência na equipa lisboeta foram os seguintes: Simões, Feliciano, Amaro, Quaresma e Eloi.

Vontade é, algumas vezes, melhor que técnica

A primeira condição para um grupo ganhar é entrar no campo convencido de que vai vencer. Assim entrou o Vitória de Setúbal no campo dos Arcos. Desde a primeira hora imprimindo ao jogo o poderio da sua vontade e do seu músculo, com velocidade que grilante não é mais do que um produto de vontade. O Vitória (Setúbal) foi crescendo, e de tal modo que, ao fazer a primeira bola, e daí por diante, até o intervalo, o campo foi todo seu, pelo prodígio da sua energia indomável, pela acentuada característica de ataque que emprestou à partida.

O Vitória (Guimarães) aceitando a toada do adversário, colocou-se na tática da defesa, tão do «grado do *team*». Só teve um belo período, ao passar de 4-1 para 4-3 mas não se altura os setubalenses não se deixaram surpreender. E aqui está o *team* vence, porque quer vencer, um grupo porventura de melhor técnica.

O Vitória (Setúbal) deve a boa tarde ao empenho pôsto na luta por todos os seus representantes, mas especialmente ao esforço da linha média, útil como as coisas uteis: sempre atrás do ataque, e como reforço; protegendo a linha da defesa, como primeira linha de choque. No fundo, o verdadeiro papel dos médios.

O Vitória (Guimarães) fez uma exibição acentuadamente inferior. Mesmo inferior em relação às suas possibilidades. O *team* não rasga espaço. Concentra-se numa faixa do terreno, com a ideia de passar as jornadas sem grande tormento de *goals*. Ora grupo que aceita a mediania dificilmente passará a *cepa torta*. Em várias jogadas, mais de pormenor que de conjunto, o *team* revelou ainda o seu valor e a sua adaptação técnica. Mas isso é pouco. Distinguiu-se o guarda-redes Machado.

Os melhores do Vitória (Setúbal) foram os extremos, Nunes e Carlos Santos, sendo de destacar que este ultimo é elemento suplente — mas é assim que se passa de suplente a efectivo. E ainda Armindo, principalmente no segundo tempo, depois de ocupar o pôsto da esquerda.

Os números cantam...

A *classificação geral* sofre oscilações, não tão profundas como muita gente desejaria, mas mesmo assim sensíveis, e a ter em conta. O mais importante a fixar é a descida do Pôrto, dois degraus a menos. Como se torna mais fácil descer do que subir compreende-se a dificuldade que o Pôrto encontrará, agora, ao pretender subir, se o tentar, claro. Também se nos afigura nota a destaca: a maior aproximação dos *quatro da cabeça*: duas parelhas separadas apenas por uma *neguinha*... De resto, todos os passos são difíceis! Sem dúvida, a cotação do Benfica e Belenenses subiu um pouco, graças ao empate do Lumiar. Vejamos o estado actual dos concorrentes. Os números valem mais do que as palavras.

Com 10 pontos — Sporting (4 vitórias e 2 empates, 22-9 em bolas); Atlético (4 vitórias e 2 empates, 17-8 em bolas).

Com 9 pontos — Benfica (3 vitórias e 3 empates, 17-7 em bolas); Belenenses (3 vitórias e 3 empates, 17-8 em bolas).

Com 8 pontos — Pôrto (3 vitórias, 2 empates e 1 derrota, 15-12 em bolas).

Com 6 pontos — Olhanense (3 vitórias e 3 derrotas, 21-10 em bolas).

Com 3 pontos — Vitória de Guimarães (1 vitória, 1 empate e 4 derrotas, 10-21 em bolas); Vitória de Setúbal (1 vitória, 1 empate e 4 derrotas, 11-21 em bolas).

Com 2 pontos — Salgueiros (1 vitória e 5 derrotas, 6-30 em bolas).

Com 0 pontos — Académica (6 derrotas, 9-19 em bolas).

Marçadores da 6.ª jornada: Quaresma (Belenenses) 3; Rodrigues (Vit. Setúbal) 3; Nunes (Vit. Setúbal) 2; Mar (Atlético) 2; Lourenço (Pôrto) 1; Araújo (Pôrto) 1; Mourão (Olhanense) 1; Cabrita (Olhanense) 1; Palmeira (Olhanense) 1; Joaquim Paulo (Olhanense) 1; José Pedro (Belenenses) 1; Eloi (Belenenses) 1; Franklin (Belenenses) 1; Silva (Salgueiros) 1; M. da Costa (Benfica) 1; Júlio (Benfica) 1; Micael (Académica) 1; Alexandre (Vit. Guimarães) 1; Miguel (Vit. Guimarães) 1; Ferraz (Vit. Guimarães) 1; Mourão (Sport) 1; e Peyroteo (Sporting) 1;

CARTÕES DE LIVRE TRÂNSITO

Registamos e agradecemos reconhecida-mente a remessa de cartões de livre-trânsito por parte da Associação de Handball de Lisboa e do velho Clube Internacional de Futebol.

TRÊS ANIVERSÁRIOS

NA última semana festejaram os seus aniversários — nada menos que três brilhantes órgãos da Imprensa: «Diário de Notícias», «Primeiro de Janeiro» e «Século Ilustrado».

Com os nossos afectuosos parabens, aqui lhes deixamos os melhores votos de longa vida e prosperidades.



DESPACHOS NA
ALFANDEGA E
CAMINHO DE FERRO

TRANSPORTES
E BAGAGENS

Grijó & Companhia

CASA FUNDADA EM 1851

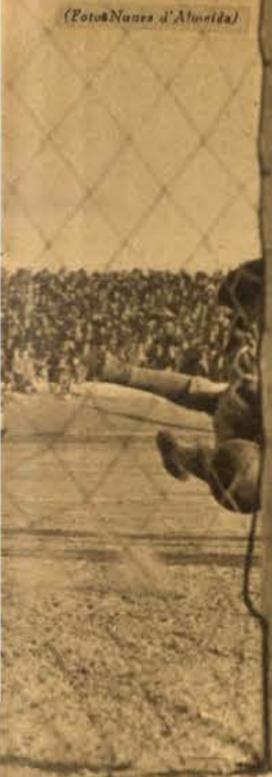
7, RUA DE TRAZ, 13
PÔRTO (PORTUGAL)

TELEFONES

Alfândega, 1728
Escritório, 1172
Campanhã, 1208
Garagem, 2



A entrada do novo ano...
não trouxe ao CAMPEONATO NACIONAL de FUTEBOL
 MODIFICAÇÕES SENSÍVEIS de CLASSIFICAÇÃO



(Foto Nuno d'Almeida)



SPORTING—ATLÉTICO: Peyroteo (que não se vê na fotografia) acaba de marcar, de cabeça, o «goal» do empate



BENFICA—A. ACADEMICA: Como Julinho rematou o 2.º «goal» do Benfica!



SPORTING—ATLÉTICO: Um pé providencial aparece para desviar o remate do fogoso Peyroteo



BENFICA—A. ACADEMICA: Lemos dispara o «tirique» que proporcionou o ponto de honra do seu grupo

SPORTING—ATLÉTICO: As duas figuras salientes do encontro—Peyroteo e Gregório—em luta pela bola. Observar as máscaras dos jogadores



VITÓRIA (S.)—VITÓRIA (G.): Machado desvia com dificuldade um remate setubalense
 (foto J. Manique)



BENFICA—A. ACADEMICA: Nesta movimentada fase, defesa coimbrã não conseguiu evitar o remate de M. Costa



BENFICA—A. ACADEMICA: A coragem de Acácio é posta à prova mais uma vez



(Foto Nuno d'Almeida)

atravessa um período de crise bastante grave

Urge acudir-lhe, para evitar o completo descalabro

A esgrima, desporto de tão brilhantes trações no nosso país, uma das poucas modalidades em que os portugueses conseguiram verdadeira classe internacional, há muito que vive apenas amparada pelo espírito de sacrifício de meia dúzia de entusiastas, que lhe dispensam os maiores carinhos, procurando evitar o seu completo desaparecimento.

Várias são as causas que conduziram a nobre arte das armas à situação difícil em que presentemente se encontra. Duas, de entre elas, avultam e, por isso mesmo, devem ser mencionadas: a falta de novos praticantes — pouco a pouco atenuado desde que a «Mocidade Portuguesa» começou a dedicar-se a fundo à prática de tão interessante desporto — e o desinteresse cada vez maior patentesado por muitos daqueles que ajudaram a erguê-lo ao apogeu. Enquanto esta última circunstância se verificar e não houver elevado número de atradores novos, a esgrima continuará a lutar com grandes dificuldades.

Até aqui ou, pelo menos, até há meia dúzia de meses, sempre pareciam alguns elementos dispostos a tomar conta dos cargos directivos e a desempenhar o melhor possível a missão de que se incumbiam, embora, para isso, tivessem frequentemente de sacrificar compromissos e interesses pessoais. Melhor num ano que em outro, mas sempre, ou quasi sempre, com a desejada regularidade, lá se foram efectuando as provas oficiais e muitas das particulares, cumprindo — e a tempo e horas o calendário previamente elaborado.

O mal agravou-se e, na última época, a direcção viu-se impossibilitada de levar a cabo a tarefa que desejava realizar, porque os seus componentes foram debandando um a um, alegando afazeres próprios ou profissionais, e os poucos que continuaram firmes no seu posto, reduzidos a minoria infrangedora, apenas puderam efectuar parte do programa inicialmente estabelecido.

Isto mesmo o disse há dias o sr. Mário de Noronha, actual presidente da F. P. E., numa reunião para que foram convocados os principais sócios individuais e colectivos deste organismo — acrescentando que se tornava mister providenciar urgentemente para que semelhante estado de coisas deixasse de existir o mais breve possível.

A excepção, sucinta mas clara, do prestigioso internacional-olímpico, conquanto não constituisse surpresa para a maioria, nem por tal motivo deixou de contristar os assistentes. Todavia, o problema tornou-se ainda mais difícil de resolver quando apareceu a sugestão de solucionar conjuntamente o incidente ocorrido no campeonato nacional de espada de 1942 e devido ao qual abandonaram a actividade alguns jogadores do Centro Nacional de Esgrima.

Ao contrário do que costuma dizer-se, da discussão não nasceu a luz, a menos que deseje entender-se como tal o parecer emitido por alguns dos presentes, que se manifestaram em desacordo com a ideia de anular dentro de dias, numa assembleia geral, a decisão tomada na altura em que o assunto se debata largamente.

Segundo uns, se a assembleia assim procedesse iria sancionar actos menos desportivos, abrindo perigos precedentes e colocando mal a direcção dessa época. Segundo outros, a atitude posterior daqueles atradores causou-lhes admiração, pois saíram da assembleia convencidos, em face de declarações dos interessados, de que o incidente estava sanado. E, na opinião de terceiros, não ficaria mal aos referidos esgrimistas se retomassem agora a participação nas provas oficiais, uma vez que os dirigentes são outros e que o seu afastamento durante todo o ano findo constituiu manifestação mais que suficiente para demonstrar o seu desagrado.

A esgrima carece do auxílio de todos. São em número tão pequeno aqueles que verdadeiramente lhe querem, que não pode prescindir-se

Lesões accidentais do pugilismo

crónica de RAFAEL BARRADAS

EM artigo publicado recentemente, aludimos às lesões e traumatismos mais vulgares no decurso dos combates de sóco. Não fizemos, nessa altura, um estudo largo do caso porque, além de ultrapassar a nos-a competência e entrar no campo da ciência médica, seria reportório longo, monotono e demasiado fora da feição desta revista.

Parece-nos mais próprio citar os acidentes mais comuns, indicando os seus efeitos e o modo de os reduzir ao mínimo, bem como pôr de sobre aviso os amadores contra o optimismo exagerado de alguns propagandistas que, pela palavra e com a pena, dão largos a fantasia exuberante.

Ponha-se de lado, e de vez, a ideia de que o jogo do sóco é praticamente inofensivo. Aceitemos, antes, os benefícios de tal desporto, bem como os seus prejuízos, sem reduzir ou avolumar uns e outros.

Proseguindo na apreciação dos acidentes possíveis e um tanto frequentes a que os pugilistas estão expostos, vamos encerrar uma face nova do caso: a perda de consciência.

Para exemplificar o assunto o melhor possível, transcreve-se o relato feito, em 1939, no mensário americano *The Ring*, do combate disputado por Jack Dempsey e Gunboat Smith.

«Zás! Trás! Os sócos bateram em cheio na ponta do queixo de Jack. O som pareceu o choque brusco de um martelo numa barra de aço. A pontaria e o movimento de alavanca do braço foram perfectos. O péso de Smith, até ao último grama, foi atrás do punho.

As pernas de Dempsey dobravam-se e tóda a gente «viu» que tombaria e seria pôsto fora de combate.

Kearns (o manager), que apoiado num balde não perdia um só pormenor dos acontecimentos, sentiu-se excitadíssimo e virando o apoio foi chocar fortemente com os queixos num poste do ring.

Aquele sóco tremendo de Smith estava-o arruinando e desvanecia tódas as esperanças pòstas no seu pupilo. Com a pancada que dera entonteceu por completo. Meio inconsciente, a vista turva, pareceu-lhe vêr Jack reagir ao golpe que levava e ir em cima de Gunboat, com os dois punhos juzilando.

No intervalo, nem Dempsey nem Kearns estavam compreendendo os factos, um absolutamente «adormecidos», o outro meio parvo com a pancada no posto. Os espectadores viram, com o maior assombro, as maçagens nas faces e a fricção do alto da cabeça, com gólo, que Jack Kearns applicava freneticamente ao seu homem.

Recomeçada a luta, Dempsey lateu-se como um leão. E, após 3 assaltos encarniçados, o árbitro proclamou-o vencedor, por pontos. Kearns, que se refizera o suficiente, assistiu à vitória do seu pupilo e acompanhou-o ao vestiário.

Depois de um ducho frio, a temperatura glacial, travou-se o diálogo seguinte entre os dois homens:

«Doc, (algunha de Kearns) esta noite levei uma sova tremenda...» disse Jack Dempsey ao manager e amigo.

«Tenho muito que aprender, ainda, para considerar-me um pugilista de classe», prosseguiu: «pena foi esta derrota por pontos...»

«Derrota?» atalhou Kearns admirado. Mas se a vitória foi tua, Jack!! E de que estupenda maneira tu reagiste áquele enorme sóco do primeiro assalto...»

do carinho e do amparo de nenhum dêles. É tempo de enveredar pelo bom caminho, pondo de parte ressentimentos que a ninguém aproveitam e só servem para prejudicar o prestígio e o futuro da modalidade.

Forme-se bom ambiente em redor dos actuais ou dos futuros directores, pôsto que as eleições se verificarão dentro em breve. Demos aos novos o exemplo do «sacrifício e da disciplina. Se assim fizermos — Portugal poderá voltar a ter equipas e esgrimistas capazes de ombrear e até de vencer tudo quanto lá fora haja de melhor.

Só algumas horas mais tarde pôde Dempsey reconstituir os factos e recordar o golpe violento que o ia abatendo.

Esta descrição do combate que, em 1917, após o futuro campeão mundial ao artilheiro Gunboat Smith, um tremendo golpeador, mostra-nos um flagrante caso de amnésia provocado pelos sócos à cabeça. Já em escritores como Walter Scott e Carlos Dickens se encontram referências a êsse estado de inconsciência que as pancadas originam.

Um estudo cuidado, levado a efeito em muitos profissionais, revelou que subsistem com frequência lapsos de tempo, «antes» ou «depois» do período de inconsciência, durante os quais é impossível recordar e reconstituir os acontecimentos. Durante essas fracções de tempo, tódas as acções dos indivíduos «tocados» parecem normais e racionadas. Apenas leves indícios, que as pessoas muito praticas são as únicas a surpreender, revelam o seu verdadeiro estado.

A amnésia pode revestir-se de três aspectos: 1.º Amnésia simples ou a que os que o tempo de inconsciência ou *knockout*, isto é, com um começo e fim bruscos; 2.º Amnésia do 2.º tipo ou em que, além do esvaecimento dos factos passados durante o estado de inconsciência, também outros factos se desvanecem da memória, relativos a um lapso de tempo anterior a êsse estado. É o caso mais vulgar e a que pode chamar-se *amnesia retrógrada*; 3.º Amnésia do 3.º tipo ou *anterógrada*, porque além das características do tipo 2.º também abrange um intervalo de tempo posterior ao estado de inconsciência.

Entre nós portugueses, passou-se há anos um facto curioso e típico, que ilustra precisamente o último destes aspectos (o 3.º) de amnésia. Combatiam, no Coliseu dos Recreios, o catalão Gaston Anders-on e Faustino Pereira. O primeiro levava grande vantagem de péso ao português (cerca de 8 quilos) e era de categoria superior. Logo no 1.º assalto, um rápido e potente sóco atingiu o ouvido esquerdo de Faustino e lançava-o ao solo. O nosso compatriota, depois de fazer 9 segundos na lona, levantava-se combaleante e dirigiu-se ao árbitro, tapando a orelha com a luva. Queixou-se de que «lhe haviam atirado uma pedrada da geral»!!!

O público, que ouviu o lamento, rompeu às gargalhadas — e o pobre Faustino foi posto *knockout* no round seguinte. Depois, já no vestiário, ainda se recusava a crer que o havia tombado um sóco de Anderson e não — uma pedra!

Podíamos citar outros exemplos de amnésia produzida pelos sócos à cabeça e, em especial, ao queixo. Semelhantes estados patológicos poderão considerar-se como insignificantes e passageiros? Evidentemente que não. Cedo ou tarde, as consequências de repetidos golpes na caixa craneana produzem os seus efeitos devastadores.

Só constituições muito robustas ou, não o sendo, as que uma pr-funda ciência «boxística» protege, podem aventurar-se a praticar o jogo do sóco com um mínimo de probabilidades contrárias.

Tão certo como 1 e 2 serem 3

Torná-lo-emos rápida e economicamente **Guarda-livros** se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos grátis a:

Instituto Luso-Brasileiro de Comércio

Aven. Dr. Manuel Laranjeira, 12-1.º

PÔRTO

N. B.—Não nos remeta dinheiro para sôlos



O cinema ao serviço da técnica

PELOS ecrãs das nossas salas têm passado vários e curiosos documentários em que se foca a actividade de alguns dos mais categorizados atletas do Mundo. Em dois ou três deles foram-nos mesmo oferecidas magníficas lições de técnica atlética. Mas esses documentários fizeram a sua semana habitual no cinema que os alugou para completar o programa e acabaram por cair no esquecimento, jazendo, a esta hora, no arquivo de qualquer empresa distribuidora...

O público gostou, um ou outro entusiasta por estas coisas do atletismo viu os filmes duas ou três vezes, e hoje, quando muito, resta uma ideia mais ou menos vaga de um salto ou de um lançamento, que quizer desses documentários nos ofereça.

Ora numa terra como a nossa, em que há falta de pessoas competentes para o ensino da difícil e ingrata técnica atlética, não se podem desprezar elementos de estudo tão valiosos como aqueles que se nos oferecem nos referidos documentários. E esses elementos, por outro lado, não serão possíveis de aproveitar nas sessões normais das nossas salas de cinema, em que há um programa que é preciso cumprir. Por isso nos lembramos de apresentar aos clubes portugueses, que mantêm secções de atletismo, o alvitre seguinte: nomear-se uma comissão de dois ou três técnicos de competência que se encarregaria de rever todos os documentários de atletismo que passarem entre nós, e de escolher, em seguida, os de maior interesse técnico. Depois disso, os membros da referida comissão estudariam os filmes previamente escolhidos, anotando os seus pormenores mais importantes e, mais curiosos. E feito isto restava exibir os por todos os clubes com a presença de um dos técnicos referidos, o qual seria encarregado de chamar a atenção dos assistentes para este ou aquele pormenor de maior importância.

Sabendo-se quanto estamos atrasados em matéria de técnica e sabendo-se que reside no desconhecimento desta um dos principais obstáculos ao progresso da modalidade, parece-nos que seria de toda a conveniência tentar a divulgação de úteis conhecimentos por meio do cinema. E não venham falar em dificuldades: com tempo e boa-vontade tudo se consegue...

No momento em que sair o presente número da «Stadium», já o F. C. do Porto deve ter dado início à preparação dos seus atletas, com vista à próxima época. Quanto ao nome da pessoa que orientará tecnicamente a secção, ainda nada está resolvido na altura em que escrevemos. Arnaldo Borges — o treinador da época passada, que tão boa conta deu da sua espinhosa missão — não parece disposto a aceitar o cargo, em virtude de certas desinteligências... Seria bom que os dirigentes do F. C. do Porto não desgostassem um técnico com a competência e a dedicação de um Arnaldo Borges. E, sobretudo, que soubessem ser gratos para quem tanto tem trabalhado desinteressadamente pelo clube!

Vamos ter uma grande prova de «cross» de organização particular?

Talvez no próximo número já seja possível dizer alguma coisa de sensacional...

Uma grande notícia, para fechar: a A. P. A. continua sem dirigentes!...

EDUARDO SOARES

NOTAS... SEM VALOR...

UM Porto-Benfica é em todos os tempos o maior atractivo, pela emoção do jogo. Duas equipas com o seu nome grav do no campeonato nacional da 1.ª divisão — dois conjuntos futebolísticos com a «melhor» gente do shot português.

O estádio do Lima tinha, de facto, uma «cara» bonita: bem guarnecido nos quatro sectores — geral, ban-da lateral, central e, por último, como recurso, o superior. Às catorze horas, uma hora antes da realização do jogo, «sentia-se» já o contacto dos desportistas do norte, na ocupação dos «melhores» lugares do estádio do Lima. O Académico, com a cedência do parque de jogos ao Futebol Clube do Porto, contribuiu — e bastante — para o maior desenvolvimento do desporto-rei, Deus, pelo menos, ao público um «bem-estar» — ficou comodamente instalado!

Gira o Porto-Benfica numa soma bastante elevada, calculada em 105 contos, partindo dos «números» apontados nos «bastidores da bola». É a «primeira» receita da época no campeonato da 1.ª divisão...

B a «consoada» para três clubes — Porto, Benfica e, depois, num plano muito inferior, o Académico, com o agrupamento do jogo preliminar. Os dois «maiores» foram ainda, por mera questão «de muita amizade», contemplados com o «bólo» da divisão do agrupamento. Genérosidade desportiva, tão «familiar» nos clubes da 1.ª divisão...

A comissão central dos árbitros, ou, melhor, um dos seus membros, Manuel Monteiro, indicou bem o representante da comissão distrital de Braga — José Lira — Sufu-se admiravelmente no jogo Porto-Benfica, com o seu

criteroso trabalho. Foi, em parte, o início... da sua longa carreira desportiva...

O programa do Salgueiros foi bastante «falso» com a sua actuação em Lisboa. Não contando com Augusto e Oliveira, o segundo castigado pela direcção devido à sua «impertinência», tinha de sofrer uma «dura lição» do Sporting, Ingratidão, pouco amor ao clube de um componente da turma do clube «encarnado».

Tudo nos seus «lugares» a defender uma modalidade já com fortes raízes — o «handball». Não há furo para a «fuga» — transferência de clubes — segundo o documento da entidade que rege o «handball» no seu distrito administrativo.

Bem «embalado» no campeonato regional de «hockey» em campo, o Boavista vai distanciado, com 19 «goals» contra um sofrido — princípio agradável para enfrentar os mais «fortes» agrupamentos da série.

Deve chegar ainda esta semana, segundo os «dados» de uma individualidade muito ligada ao assunto, o novo guarda-redes do F. C. do Porto um africano de boa marca, conseguido por intervenção de certo simpaticante do clube da Constituição.

A taça «Maria Fernandes», instituída por uma pessoa da «família», foi cair no F. C. do Porto, vencedor do torneio inter-clubes. O Vasco da Gama anda com bastante «gata»: é batido nestas organizações...

O Coimbrões teve o «atrevimento» de bater o campeão da II divisão — o Ramaldense. Sem «casa», os gaieses tiveram, assim, uma recompensa moral para o desparqueamento do seu parque de jogos.

«Mocidade Portuguesa»

ALÉM de tudo o mais que a organização nacional da «Mocidade Portuguesa» proporciona aos seus filiados, a educação desportiva dos rapazes merece cuidado invulgar. É que não só os jogos são criteriosamente seleccionados, como também na sua aprendizagem há pormenores que determinam o aprestamento gradual das condições físicas de cada um dos praticantes, conforme as idades e os escalões em que servem esta obra altamente patriótica, tão apreciada e compreendida pelos portugueses.

Certamente — e nem outra coisa seria de admitir numa organização que pretende criar jovens sãos, robustos, sãos de corpo e de espírito — que a gymnástica ocupa papel preponderante na preparação física dos manobras, mas não aquela gymnástica que se faz, por vezes, sem ordem técnica ou método. A «Mocidade Portuguesa», fiel às suas determinações, cumpre inteiramente as suas directivas, das quais resultam largos benefícios para a nação, servida no futuro por gerações mais apetrechadas, física e espiritualmente, e portanto aptas a fazerem mais e melhor por Portugal.

Assim, os exercícios seguem ritmo progressivo, sem saltos bruscos, paralisando o desenvolvimento do organismo dos rapazes, arreduzindo as possibilidades de excesso e iniciando-se a educação desportiva justamente por aqueles desportos que, pela sua técnica, mais se amoldam ao que deles se require.

O «volleyball» ocupa o primeiro lugar, aparecendo mencionado no programa para iniciados, a par do «ring-tennis». Seguem-se, já para a obtenção da classificação de infante de 1.ª classe — um dos requisitos exigidos — exercícios de «basket-ball» e de «handball». O futebol é somente indicado para os vanguardistas de 1.ª classe e, naturalmente para os cadetes.

No ensino prático de cada modalidade, o programa exige que haja precisão, e, desta maneira, o «toque e passe» é cultivado com cuidado pelos praticantes de «volleyball».

Fechem os ensinamentos desportivos a gymnástica e o campismo, ête com as suas exigências no capítulo hygiene individual e geral, fuição do sol, do ar e da água, completado pelos conhecimentos essenciais à prestação dos primeiros socorros em determinadas emergências.

A par de todos estes exercícios há ainda outros jogos relacionados por escalões, tendo em atenção não só o factor idade, como também o grau de desenvolvimento orgânico de cada filiado.

Há nesta obra da «Mocidade Portuguesa» muita coisa bela, tão linda e perfeita como é entusiasta o seu hino, que nós estudamos e sentimos como deve ser ouvido e apreciado por todos os portugueses.

«Lá vamos, cantando e rindo...»

É o que é a mocidade renão fonte perene de alegria, de juventude, boa disposição e ventura? A mocidade vai e não volta mais...

Ao dobrar-se o eume da existência, quando já começamos a descer na ladeira da Vida, é que apreciamos o que foi a nossa mocidade — e o que ela poderia ter sido se tivéssemos quem nos ensinasse a cantar e a rir!

É nos novos — nessas gerações que vêm para a Vida e que auto-ábocemente, nos empurram para a velhice — que Portugal confia.

Os portugueses têm de saber viver.

É o que a «Mocidade Portuguesa» pretende fazer, ao dar aos seus rapazes boa disposição física — sem a qual não poderá haver alegria, espírito forte e moral inconcussa.

MÁRIO AFONSO

Ainda o F. C. do Porto-Benfica

O encontro efectuado no estádio do Lima, que pôs frente a frente o S. L. Benfica e o F. C. do Porto, mereceu à crítica dos nossos colegas alguns comentários sobre as diversas facetas do desafio e sobre a actuação técnica das duas equipas.

Claro que, ao escrevermos ainda sobre o encontro, não vamos repisar qualquer deles, por ser desnecessário. Há, no entanto, uma nota que merece ser realçada, pelo que tem de

(Conclui na pág. 25)



FUTEBOL — No jogo Unidos-Fósforos, do campeonato da 2.ª divisão: 1 — Como foi marcado o 2.º «goal» do Unidos; 2 — Uma defesa do «keeper» do Fósforos. BASKETBALL — A final da taça «Dr. Américo Nunes»: 3 — Uma fase do jogo Belenenses-Atlético, ganho pelos alcantarenses; 4 — O dr. Américo Nunes com a sua equipa de veteranos; 5 — Outra fase daquele jogo. ATLETISMO — A prova de «cross» do Benfica: 6 — O grupo dos concorrentes.



2

OS JOGOS DO PÔRTO E DE SETUBAL

1 — Quaresma passa a defesa do Salgueiros e no remate dá origem ao «corner» que forneceu o 1.º ponto do Belenenses

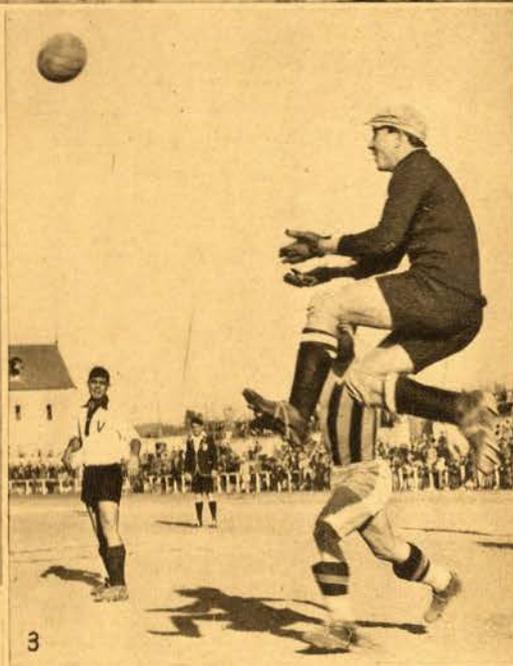
2 — A defesa do Salgueiros em apuros para deter o ataque dos «azuis»

(Fotos Hermans)

3 — O «keeper» vimarense em acção

4 — Uma oportuna saída do Trindade, guarda-rêdes setubalense

(Fotos J. Manique)



BALANÇO GERAL DO «TORNEIO DE INVERNO» organizado pelo G. D. Estoril Praia

TEMOS proclamado, por diversas vezes, a imperiosa necessidade que existe para os nadadores da preparação regular durante o inverno. Por isso, aplaudimos sem reservas a iniciativa do Grupo Desportivo Estoril Praia de organizar o seu «Torneio de Inverno», disputado com interesse crescente de jornada para jornada e que na última quinta-feira teve o seu epílogo.

Mais ainda nos acauda registar o facto de o Estoril Praia ter posto a sua piscina à disposição de toda e qualquer colectividade, em dias e horas a combinar. Não queremos deixar de acentuar esta atitude do primeiro clube da Costa de Sol, idêntica, aliás, à que o Algés e Dafundo sempre tem mantido em relação à sua piscina «Eduardo Portugal».

Formou-se um núcleo natatório

O facto merece ser pôsto em relevo. Da piscina do Estoril — já com alguns lustros de existência — poucos ou nenhuns nadadores tinham saído. A piscina tinha — como outras que há por esse país fora — simples carácter termal ou turístico. Ora é justamente esse carácter que mudou. De piscina de recreio passou a verdadeira piscina desportiva, onde se treinam e preparam campeões. A natação portuguesa passa, assim, a contar com mais um núcleo natatório. É um importante núcleo, reconheça-se. Da acção de Azinhais dos Santos há a esperar, logicamente, os melhores frutos.

Os Infantis

Nadadores de palmo e meio, os infantis compareceram em elevado número. De todos eles sobressaiu Nuno Salvação Barreto, que apresentou todas as características de um futuro campeão. Dois bons triatlos, nos 33 metros costas e livres, em dois boas «tempos»: 24 s. e 20 s. 6/10, respectivamente.

E anotemos ainda os nomes de José Figueiredo e Carlos Campanela.

Os principiantes e os juniores

Nestas categorias, a comparação de nadadores foi grandemente animadora. Mais afirmados foram ainda os «tempos» registados, alguns deles de muito valor.

Nos 200 metros bruços, Câmara e Sousa, Vítor Costa e Azevedo Júlio fizeram melhor «tempo» que o respectivo «record», pois se creditaram com 3 m. 17 s., 3 m. 12 s. 7/10 e 3 m. 20 s. 1/10.

Francisco Salgado esteve em evidência nos 100 metros livres, triunfando em 1 m. 10 s. 3/10, outra marca de valor a assinalar.

Artur Mendes Silva, em boa «forma», triunfou facilmente nos 200 metros costas em 1 m. 20 s.

Nos 400 metros livres, Francisco Salgado afirmou, mais uma vez, a sua superioridade sobre os demais concorrentes, percorrendo a distância em bom ritmo, no tempo de 6 m. E não que no dia respeito a «estilo», foi, de todos, o mais regular.

As provas de inscrição livre

A presença de nadadores como Mário Simas, Mira Gomes, Joffre Mendes Silva, Baptista Pereira, Fernando do Carmo, João de Carvalho e tantos outros, proporcionou, como é natural, o melhor conjunto de resultados.

Mário Simas, que mantém vivas todas as qualidades que fizeram dele um dos melhores nadadores da Europa, «igualou» os 100 metros livres em 1 m. 1 s. e 6/10. «Tempo» magnífico. Apenas mais 1/10 de que o respectivo «record». O mesmo diremos dos 100 metros costas — uma bela prova. O «tempo», só por si, é mais eloquente do que o mais pomposo adjectivo: 1 m. 10 s. 2/10, (o «record» pertence-lhe com 1 m. 9 s.).

Atrás dele, Mira Gomes, que nesta especialidade tem feito vivas progressões, creditou-se de «marca» de real valor — 1 m. 12 s. e 8/10. Mira Gomes é hoje, depois de Simas, o melhor nadador no estilo de costas.

Foi, no entanto, nos 400 metros livres — que Mira Gomes esteve em plano de maior relevo, ou não fosse a sua distância predilecta. Colhendo os benefícios da prepara-

DE COIMBRA

(Conclusão da pág. 3)

trital. Foi até derrotar, copiosamente, no campo de Santa Cruz, o Famalicão, que se deslocou para Coimbra precedido de fama conquistada no campeonato bracarense. A equipa pareceu sempre homogénea — e mais rápida. O ataque, sobretudo, fazia coisas bonitas e marcava pontos. Brilhou em esquema de jogo — e na pontaria... Era difícil de segurar a linha avançada no «conze» académico.

Está fora do objectivo desta crónica, de aspectos do desporto em Coimbra, discutir a razão da má classificação da Académica no «nacional» desta temporada. Há talvez uma fase de transição entre a equipa que foi até à derrota do Famalicão, com menos «ases» e mais mocidade, e a equipa que se procura refazer com jogadores ainda longe da sua melhor forma. O «reforço» teria sido mais oportuno dentro do campeonato regional Assim, vai sendo um caso sério. É, no entanto, de notar que as exhibições não são inferiores em técnica.

Há, pois, que readquirir confiança — por parte da Académica, no valor global da equipa; por parte do público local, nos recursos do seu clube predilecto. A mala-pata não há de acompanhar a Académica até final. E os estudantes de Coimbra sabem lutar com entusiasmo.

ção metódica, triunfou bem de Baptista Pereira, em 3 m. 36 s. O valoroso alhandrense, impossibilitado de treinar desde o verão, lutou sempre com a coragem e vontade habituais.

Júlio Mendes Silva triunfou, naturalmente, na prova de que é campeão nacional — os 200 metros-bruços. Vitória indiscutível. «Tempos» regular: 3 m. e 13 s.

As senhoras

Sete gentis nadadoras estiveram presentes no «Torneio de Inverno», contribuindo bastante para o êxito deste. O nome de Hely Heyman destaca-se, naturalmente, em primeiro lugar. Ela foi, de facto, de entre as sete, a estrela de maior brilho, revelando reais qualidades para os diversos «estilos» e para as várias distâncias.

Bateu Rosa Lopes nos 200 bruços, cumprindo, no entanto, dizer que a campeã nacional correu em más condições físicas. E fez uma bela prova nos 400 livres, onde, sempre em «crawl» — registre-se — se creditou de 7 m. e 4 s.

Ana Deniz Linheiro — outro nome que há que começar a reter — correu os 100 metros costas em 1 m. 39 s. 7/10. O «record» da distância, que pertence ainda a Maria Gouriho, está em 1 m. 34 s. E a comparação é bem lisonjeira para a valorosa representante do Beelenenses...

As equipas vistas em conjunto

A mais numerosa, mais forte e mais homogénea de todas as equipas foi, de longe, a do Estoril Praia. É, de facto, um conjunto fortíssimo de nadadores — dos infantis aos seniores. E não só os saídos do Algés, mas, também, os formados já no Estoril.

A representação do Beelenenses, que possui nas suas nadadoras os melhores valores individuais, é de muito ponto, uma equipa equilibrada, que teve justamente nesse nivelamento de valores o seu melhor triunfo. Ana Linheiro em plano à parte.

A turma do Sporting, tendo nos infantis e em Fernando do Sousa os seus melhores sustentáculos, foi talvez mais longe do que se esperava. Os «leões», que estão treinando no Estoril com entusiasmo, acusam progressos.

O Alhandra, deslocando-se em condições desvantajosas, merece, antes de mais nada, que o elogio pelo simples facto de ter comparecido. Baptista, Joffre, António de Carvalho e Eugénia Antunes foram os seus melhores representantes.

O Nacional de Natação fez menos do que realmente pode e vale. Causadas diversas medidas a comparação de muitos dos seus nadadores. E a equipa, que terminada a primeira jornada se encontrava em terceiro lugar, veio a acabar em quinto. Campanela, Pereira Marques e Cabrilha destacaram-se.

O Atlético não pôde fugir ao último lugar, mas ficou àquem das suas possibilidades. A secção de natação do popular grêmio alcaentarense vale mais. E ressentiu-se da falta de Rosa Lopes.

Os números falam...

Ao cabo das quatro jornadas, a classificação ficou ordenada como segue: 1.º Estoril Praia, 125 pontos; 2.º Beelenenses, 43; 3.º Sporting, 34; 4.º Alhandra, 27; 5.º Nacional, 25; 6.º Atlético, 21.

Todavia, até se chegar a este resultado final, o que os números não dapparam... Na primeira jornada tinhamos: Estoril, 33 p.; Beelenenses, 12; Nacional, 7; Sporting e Atlético, 6; Alhandra, 4.

Terminada a segunda ronda, a posição dos clubes era já diferente. E concluída a terceira jornada, a posição das equipas mudara de novo.

De novo, finalmente, se arrumaram as «contas», já acima dissemos. Os números andaram, pois, numa roda viva, prova evidente do interesse com que as jornadas decorreram.

ABREU TORRES

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — Nas últimas provas de preparação organizadas pelo Benfica «cross» de 2.700 metro, para esreantes e de 3.300 metros, para principiantes) foram vencedores: Manuel Gomes e António Robalo, respectivamente, nos tempos de 8 m. 14 s. e 10 m., 21 s.

«BASKETBALL» — O Unidos, batendo o Marti Pia por 56 14, conquistou a taça «dr. Américo Nunes», homenagem do Atlético ao seu antigo jogador.

— Na sua digressão ao Pôrto, o Carnide obteve três magníficos triunfos; contra Vasco da Gama, Guifões e F. C. Pôrto.

COMEM RAÇÕES — A Academia Recreativa e Desportiva Nacional celebrou, com grande pompa, as suas bodas de prata.

— O Picheleira A. C. festejou o seu 10.º aniversário.

FUTEBOL — O Sport Progresso ganhou o campeonato da III Divisão da A. F. Pôrto.

«GOLF» — No Estoril continuaram com animação os torneios de inverno. A Posser de Andrade e dr. José Espírito Santo Silva ganharam, respectivamente, as taças «Spalding» e «Biscroe».

TÊNIS DE MESA — Concluiu-se a «poule» de apuramento do torneio dotado com a taça «Joachim Nunes dos Santos». Classificaram-se finalistas: Internacional (A e B), Campo de Ourique e Sporting.

VELA — Disputou-se, no rio Douro, a prova de abstrutura da época, promovida pelo centro especializado da «M. P.», no Pôrto. José Portugal e Luís Celestino da Silva foram os vencedores.

HANDBALL

O BELENENSES

ganhou o «Torneio de Preparação»

TERMINOU no domingo o primeiro ciclo das provas oficiais de «handball». O Beelenenses venceu o «Torneio de Preparação», com brilhantismo incontestável, se olharmos à sua última exhibição, e com brilhantismo relativo se nos reportarmos às suas anteriores exhibições nesta prova...

Para que não tenha assistido aos encontros disputados p-los azuis e fique em dúvida sobre a nossa afirmação, passamos a pormenorizar os motivos que nos levaram a iniciar assim esta crónica.

Anteriormente ao jogo final, isto é, nos desafios eliminatórios que di putou com o Sporting e com o Unidos, o Beelenenses pôs em prática um jogo «em forças», mais a «empurrar» os adversários para o seu campo do que a encaminhar a bola para a baliza contrária; ao invés, no encontro decisivo, tomou o partido de vencer, jogando o jogo pelo jogo, não se preocupando com as possíveis obstruções dos antagonistas, antes fugindo a elas. Desta mudança de sistema resultou que, enquanto o Sporting e o Unidos foram vencidos pela diferença mínima, o Estoril Praia secumbiu pelo quasi estrondoso score de 10-2.

Este resultado vem dar-nos uma certa satisfação, porque traduz em números o que muitas vezes temos anotado nestas colunas de maneira teórica — e que se resume apenas nestas palavras: o «handball» é jogo de movimento e não de choque. Por isto, o nosso regozijo é enorme ao comentar qualquer partida como esta que o Beelenenses e o Estoril Praia disputaram, e na qual a bola foi jogada sem delongas, de parceiro para parceiro, sem repetidos e prejudiciais batimentos no solo. E não só nós rejubilamos, mas também os assistentes (que foram muitos) se deliciaram com a «simplicidade» desses lances, breves, rápidos e produtivos — de tal maneira produtivos que, finalmente, conseguiu atingir-se uma contagem expressiva, própria de jogos de «handball». Que attemem nisto os orientadores dos clubes que se dedicam a esta modalidade: o «handball» deve ser assim jogado — bola recebida bola passada, um, dois, três p-sses — e remute pronto!

Muito temos pugnado por este sistema de jogo e a excelente partida disputada entre o Beelenenses e o Estoril Praia mais razão nos dá para continuarmos por esta senda, porque é assim que se deve jogar — e é assim que se conquista o favor do público. E com que prazer reproduzimos a exclamação sincera de um espectador que, a meio do encontro, chegou aos nossos ouvidos — *«muito gostava eu de jogar esta coisa!»* Devese a conquista deste adepto ao jogo duro e aborrecido do passe repetido e do *«drilling»* ineficaz, que provoca livres consecutivos? Não! Mas ao jogo aberto, desafogado, pôsto em prática pelos dois *«teams»* que disputa am a final do «Torneio de Preparação», pelo que ambos estão de parabéns — assim como os actuais dirigentes da Associação, que tão bem têm encaminhado o «handball» neste princípio de época.

A competição dos vencidos foi ganha pelo Sporting, Vitória merecida, porque os «leões» são ainda onze vont des nanja que *«team»* para grandes cometimentos. Mas, vamos lá, de entre os que estão na «mó de baixo», são eles ainda os melhores, restos sem dúvida daqueles tempos de antanho em que o Sporting era o grupo que melhor «handball» jogava.

ÁLVARO GASPAR

ATLETISMO

NOTAS TÉCNICAS

O nosso prezado colaborador dr. Salazar Carr-ira começará no próximo número da «Stadium» a publicação de uma série de artigos: — «Para entreter, emquanto as pistas desc nsam» — repositório de notas técnicas com preciosos ensinamentos, como muitos outros devidos à sua brilhante competência.

DECORREU com absoluta regularidade a quarta ronda do campeonato nacional da II divisão. As «pontarias» certas dos avançados de quasi todas as equipas constituíam a nota saliente da jornada, pois o número de «goals» que se marcaram ultrapassa os máximos até agora verificados.

Os «teams» que jogaram nos seus terrenos estiveram em evidência, tirando partido dessa vantagem. Surpresas, a bem dizer, não se registaram; somente os resultados que ficam para a história se não previam tão elevados, em relação a alguns desafios.

A possibilidade de confronto entre o valor actual do futebol dos distritos de Vila do Castelo e de Vila Real despertou justificado interesse. Os vilarealenses mereciam favoritismo e soberam confirmá-lo amplamente. O desinteresse dos minhotos não podia ter outra compensação, havendo só que louvar a boa vontade dos vianenses (referimo-nos, é claro, ao S. C. Vianense).

O Famalicão e o Sporting de Fafe foram os restantes vencedores da série I. Resultados normais, ainda que as pequenas diferenças de «goals» deixem transparecer que os vencidos estão a dar melhor conta do recado do que na prova que anteriormente disputaram.

Entre os portuegueses de primeiro plano, só o Académico esteve à altura, com a sua vitória sobre o Coimbra (3-0). O Leixões deve ter-se visto em dificuldades para ganhar ao União de Paredes e o encontro Leça-Ramalhão, que concluiu com um empate, pode constituir aviso para os interessados no jogo de passagem. O Diviso da A. F. P. A defesa do Boavista não correspondeu ao ataque e daí um resultado vultoso — dez «goals».

O Candal, grupo de créditos firmados noutras épocas, continua a denotar fracas possibilidades. As restantes equipas, ora ganhando, ora perdendo, continuam num plano igual, destruindo mutuamente esperanças e aumentando a margem dos favoritos.

Nos três desafios da série B — segunda edição do campeonato averneense — os espinhenses alcançaram o resultado mais expressivo; mas isso não admira, sabido que derrotaram a Ovarense, «agarrada» ao último lugar.

A Oliveira continua com uma carreira interessante; lá vai ganhando pela tangente... mas sempre é ganhar.

A Sanjoanense mantém-se à frente da classificação, embora desta vez tenha conseguido um «score» modesto.

O União de Coimbra vai bem lançado, porquanto as suas últimas exhibições, compensadas com largas margens de «goals», têm sido de molde a inspirar confiança.

A Associação Naval continua a actuar discretamente. Ganhar ao Conimbricense por 2-1, na Figueira, revêla dificuldades.

Quem pensaria que o Vouseleense brindaria o Académico de Viseu com 6-1? Forçosamente algo de extraordinário se passou. Agora já há um «leader» entre os clubes de Viseu: o S. L. Viseu...

A simpatia do Sporting da Covilhã por «scores» expressivos, mostra a prova matrem-se. Desta vez: 13-1 ao Viseu. A Associação Estão dispensadas referências. C. F. Covilhenses.

O Portalegrense limitou-se a ganhar ao Alentejo F. C.

Os grupos de Santarém mostraram-se incapazes de vencer a crise que o seu futebol atravessa. E «comprometem» a competição... Faz lá sentido que os grupos da II Divisão batam sistematicamente os da I? Mas é assim... O Operário Vilafranquense voltou a evidenciar-se. O Ferroviários ganhou pela diferença mínima — mais dificilmente do que se previa. O Alverca tirou bom partido de jogar em casa.

O Unidos de Lisboa venceu o Fósforos e as suas aspirações consolidaram-se. O Torreense ganhou naturalmente ao Olivais e o Futebol Benfica já nos habituou a ganhar e perder com o Marvilense. Desta vez, ganhou... e da A. F. Setúbal tudo decorreu normalmente. O Barreirense segue de perto o Estoril. Os campeões de 1942-43 alcançaram o melhor resultado da série; o «leader» de 1934-44 tardou em vencer a resistência tenaz dos rapazes do Arrentela; e os 3-0 devem constituir surpresa para quem não assistiu à luta.

O Casa Pia A. C. foi mais uma vez infeliz, contra o Unidos do Montijo. O Seixal esteve preste a fornecer uma surpresa; veio a Chelas e chegou a ter 4-1. Calcule-se a tarefa dos chelenses para empatar. O Luso do Barreiro, sempre difícil em sua casa, teve de contentar-se com um empate, contra o Amora. E o estreante Gimnásio Clube do Sul opôs melhor resistência ao Unidos do Barreiro do que a prevista.

No grupo D só há conhecimento de que os alentejanos estiveram em acção. Vitórias naturais do Juventude de Évora e do União de Beja. E mais não disse... — ZÉ DO PEÃO.

LUTA ENTUSIASTICA E EQUILIBRADA NA III DIVISÃO DA A. F. L.

O campeonato da 3.ª Divisão da A. F. L. está, pelos modos, a tornar-se verdadeiro campeonato de surpresas. A lutar a equilíbrio de valores verificado entre as equipas concorrentes, como já actualmos, os clubes parecem captivar agora em ferreiros resultados imprevistos — e até sensacionais.

Isso, porém, apenas vem dar vida ao torneio, esportando o interesse pela competição, rodeando os diferentes desafios — importantes ou não — de justificada expectativa.

Mais ainda; passamos a ter assim várias equipas com justificações para o primeiro posto.

Uma delas é a do Desportivo dos Olivais, colectividade laboriosa, que há anos a esta parte tem emprestado

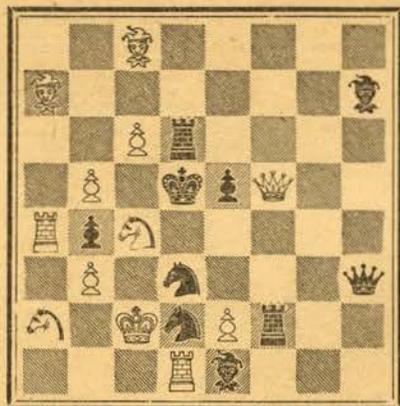
Direcção de Vasco C. Santos e J. Casimiro Vinagre

Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa redacção com a referência «Xadrez»

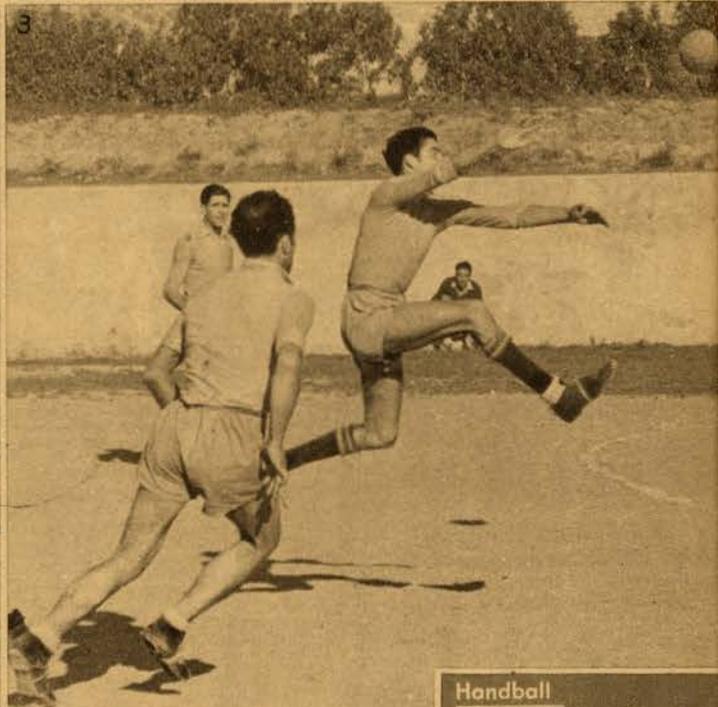
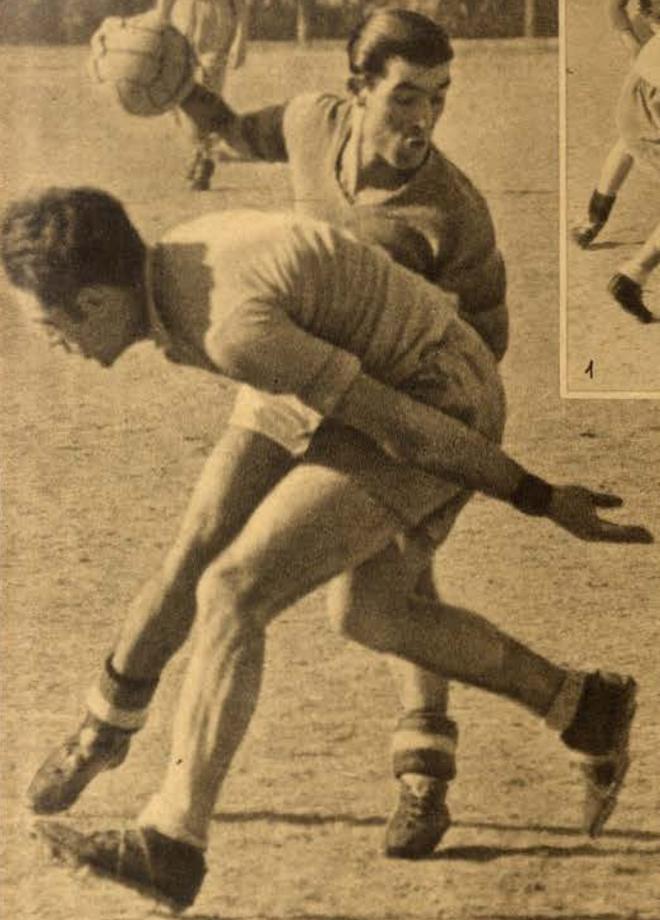
PROBLEMA N.º 10

Ajedrez Español

A. F. Arguelles



Stadium



Handball

O "BELENENSES" ganhou o "Torneio de Preparação"

ASPECTOS DO JOGO FINAL: 1 — Na área do Estádio Praia, quatro jogadores à procura da bola. . . A contar da esquerda — Fonseca (E.), Domingues (B.), P. Santos (B.), Abreu (E.); 2 — Ceia, o avançado marcador do Belenense remata depois de esquivar a entrada de Fonseca; 3 — A defesa estorilense despacha a bola para longe da zona perigosa; 4 — A equipa do Belenense. (fotos Nunes d'Almeida)